



Submissão  
25-10-2021  
Aprovação  
07-04-2022

#### Como citar este artigo

Queirós, PJP. Escolas de Enfermeiros e de Enfermagem em Coimbra: um percurso de 140 anos. *Hist Enferm Rev Eletrônica*. 2022;13(1):29-39. <https://doi.org/10.51234/here.2022.v13n1.e03>

#### Autor correspondente



Paulo Joaquim  
Pina Queirós  
E-mail: pauloqueiros@  
esenfc.pt

## Escolas de Enfermeiros e de Enfermagem em Coimbra: um percurso de 140 anos

*Schools of Nurses and Nursing in Coimbra: a journey of 140 years*

*Escuelas de Enfermeros y Enfermería en Coimbra: un viaje de 140 años*

Paulo Joaquim Pina Queirós<sup>1</sup> ORCID: 0000-0003-1817-612X

<sup>1</sup> Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Coimbra, Portugal.

### RESUMO

**Introdução:** o desenvolvimento dos saberes dos enfermeiros e da especialização assistencial tornaram necessária, nos finais do século XIX, a formação formal de enfermeiros e enfermagem em escolas. **Objetivo:** analisar as influências e linhas evolutivas das escolas de enfermeiros e de enfermagem, em Coimbra – Portugal, de 1881 a 2021. **Metodologia:** estudo qualitativo com análise histórica partindo de fontes publicadas, e do arquivo histórico da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, considerando os contextos e as linhas evolutivas de longa duração, construindo uma síntese interpretativa. **Resultados:** a primeira escola é criada em 1881, em linhas evolutivas até aos dias de hoje onde identificamos doze designações entre escolas públicas e privadas. **Conclusão:** as escolas pioneiras tem influência francesa, com interação entre as várias existentes, evoluindo no tempo para a concentração numa única escola atual robusta e de expressão nacional e internacional. **Descritores:** História da Enfermagem; Hospitais; Assistência Pública; Escolas de Enfermagem; Educação.

### ABSTRACT

**Introduction:** the development of nurses' knowledge and care specialization made it necessary, in the late nineteenth century, to formally train nurses and nursing in schools. **Objectives:** to study the influences and evolutionary lines of nursing and nursing schools, in Coimbra – Portugal, from 1881 to 2021. **Methodology:** historical analysis based on published sources, and the historical archive of the Nursing School of Coimbra, considering the contexts and long-term evolutionary lines, building an interpretive synthesis. **Results:** the first school appears in 1881, along evolutionary lines until today, where we have identified twelve designations between public and private schools. **Conclusion:** the schools emerge from French influence, with interaction between the various existing ones, evolving over time to the concentration in a single robust school with national and international expression. **Descriptors:** History of Nursing; Hospitals; Public Assistance; Schools, Nursing; Education.

## RESUMEN

**Introducción:** el desarrollo del conocimiento y la especialización del cuidado de los enfermeros hizo necesaria, a fines del siglo XIX, la formación formal de enfermeros y enfermeras en las escuelas. **Objetivo:** analizar las influencias y líneas evolutivas de las escuelas de enfermeras y enfermería, en Coimbra - Portugal, desde 1881 hasta 2021. Metodología: estudio cualitativo con análisis histórico basado en fuentes publicadas y el archivo histórico de la Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, considerando los contextos y líneas evolutivas de largo plazo, construyendo una síntesis interpretativa. **Resultados:** la primera escuela fue creada en 1881, en líneas evolutivas hasta la actualidad donde identificamos doce denominaciones entre escuelas públicas y privadas. **Conclusión:** las escuelas pioneras tienen una influencia francesa, con interacción entre las diversas existentes, evolucionando en el tiempo para enfocarse en una sola escuela robusta actual con expresión nacional e internacional. **Descriptor:** Historia de la Enfermería; Hospitales; Asistencia Pública; Facultades de Enfermería; Educación.

## INTRODUÇÃO

Os saberes de enfermagem estruturam-se paulatinamente, ao longo dos tempos, num crescendo, onde as atividades dos enfermeiros e das enfermeiras se vão alargando, consolidando, indo ao encontro da resposta a necessidades sociais e assistenciais, cada vez mais complexas. No contexto concreto português, desde os *infirmarius* dos hospitais medievais, ligados às ordens monásticas.<sup>(1-3)</sup> Movimento que atravessando toda a idade média, entrando pela idade moderna, acompanhado, na passagem para a idade contemporânea, a transformação dos hospitais de centros de acolhimento em instituições de tratamento, onde progressivamente ofícios medievais como sejam algebristas, cristaleiros, barbeiros-sangradores, vão desaparecendo e na medida inversa cresce a presença de enfermeiros<sup>(4)</sup>.

Os conhecimentos que os enfermeiros criam e colocam em prática nas respostas que tem de encontrar para solucionar problemas suscitados pelos doentes, são cada vez de maior complexidade, profundidade, de tal forma, que a partir da segunda metade e pelos finais do século XIX, esses conhecimentos tem de ser disciplinados, transformados em disciplina, já não bastando as aprendizagens em contextos prático, transmitidas e aprendidas, na dualidade de aprendiz-mestre, próprio dos ofícios medievais, com tradução nos hospitais na figura de praticante e de enfermeiro efetivo. Por isso, se torna necessária a criação formal de escolas.

Acresce ainda, que o desenvolvimento dos conhecimentos científicos e a transformação das instituições assistenciais criam, elas próprias, necessidades novas e diferenciadas de preparação de profissionais para os hospitais modernos. Em determinado momento, a profissionalização e a afirmação disciplinar andam a par, refletindo-se na criação de Escolas formais de ensino. Em Portugal, encontramos este momento, no final do século XIX, início do século XX, coincidindo com o aparecimento da palavra que designa o coletivo dos enfermeiros e enfermeiras, a palavra enfermagem. Antes, havia enfermeiros e enfermeiras, enfermarias e enfermos, atividade coletiva a estruturar-se, que só encontra designação, quando os seus agentes e a comunidade, sentindo a força social deste coletivo em estruturação, tem necessidade de criar a palavra para o grupo – enfermagem. Se no passado assumiu-se a profissionalização e o coletivo, o ensino formal com a disciplina de saberes e as escolas, agora importa consolidar os saberes numa dimensão de alta diferenciação, ou seja, como ciência, a ciência de enfermagem.

Acompanhar e perceber o percurso das instituições formais de ensino de enfermeiros e de enfermagem, ao longo de 140 anos, desde 1881 até 2021, ajudará na perceção da dinâmica, dos constrangimentos, dos avanços da enfermagem, desde os finais do século XIX à atualidade.

## OBJETIVO

Analisar as influências e linhas evolutivas das escolas de enfermeiros e de enfermagem, em Coimbra – Portugal, de 1881 a 2021.

## MÉTODOS

O posicionamento metodológico que seguimos é o expresso por José Mattoso, na seguinte afirmação:

Para não me perder no meu percurso, vou procurar referir-me a três momentos da elaboração do discurso histórico, que são, primeiro, o exame do passado através das suas marcas, depois a representação mental que desse exame resulta e por fim a produção de um texto escrito ou oral que permite comunicar com outrem<sup>(5:16)</sup>.

É, neste quadro de orientação metodológica de investigação histórica, que considerando um tempo longo e um enquadramento contextual, diacronia e sincronia, procuraremos perceber a origem, as linhas evolutivas, as influências, as motivações, as personalidades que estiveram por detrás dos impulsos fundadores. Mas também, as interações estabelecidas por estas instituições de ensino, no horizonte temporal 1881–2021, e no espaço da cidade de Coimbra, em Portugal.

A pesquisa foi realizada em fontes primárias e secundárias, em material publicado sobre as Escolas existentes, mas também na análise da legislação. Pesquisou-se no Arquivo Histórico da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, e no acervo digital da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, em documentos de acesso público. Pela natureza dos documentos consultados e pelo facto de serem do domínio público, não houve necessidade de aprovação por uma comissão de ética. A análise do material reunido, é descritiva e analítica. Sabendo que: “Tudo o que acontece no Tempo tem um «antes», e um «depois»; tem motivos e consequências. A História liga os acontecimentos por meio do encadeamento dos factos”<sup>(6:32)</sup>. E ainda, tendo presente que: “O historiador descreve, não ressuscita o que foi. Nunca consegue passar do conhecer para o ser. Produz discursos com os quais pretende captar na ordem do intelecto o ser dos acontecimentos”<sup>(7:14)</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos finais do século XIX, e na transição para o século XX, vive-se em pleno os efeitos da revolução pasteuriana, as bactérias, as vacinas, a assepsia a antisepsia. Do “espírito redentor da higiene” à “expansão da higiene científica”, a “higiene: o nome da ciência do biopoder”<sup>(8)</sup>. Este movimento profundo na sociedade teve natural expressão particular na saúde, nas suas instituições, no seu ensino, nos seus agentes, determinando novas práticas e até modificando formas diferentes de representação seja com os enfermeiros, a passagem dos uniformes pretos para as batas brancas. Mas também na arquitetura dos espaços assistenciais, nas medidas de saúde pública e de controle social.

Neste contexto, chegam a Portugal, notícias e novidades, veiculadas por órgãos de imprensa especializada – revistas médicas, mas acompanhadas pelas visitas científicas aos centros europeus que primeiro despertaram e desencadearam alterações dentro deste novo quadro ideológico.

Entre nós, e para o estudo concreto das alterações na formação de enfermeiros, importa a referência a António Augusto Costa Simões. Médico, professor universitário da Faculdade de Medicina de Coimbra, nomeado administrador dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), constata a insuficiência da preparação dos enfermeiros, para corresponder à modernização hospitalar e ao impulso científico da medicina. Por estes tempos, finais do século XIX, quem procura os hospitais, e de forma contrária ao período medieval e época moderna, “[...] procura o tratamento, o saber dos especialistas, a cura, não o agasalho”<sup>(9:160)</sup>. De onde percebemos a preocupação de Costa Simões, já que “as funções domésticas do pessoal de enfermagem até então desempenhadas tornavam-se insuficientes e não permitiam assistir corretamente os médicos nas novas terapias”<sup>(10:64)</sup>.

Costa Simões viaja pela Europa, visitando hospitais e outras instituições de assistência e ensino. Uma primeira viagem em 1865, uma segunda em 1878 e uma terceira em 1891<sup>(11)</sup>. Visita e toma conhecimento dos processos formais e informais de formação de enfermeiros. Sabe, contacta e estuda a criação do ensino de enfermeiros em escolas e em cursos específicos. Conhece *in loco*, aprofunda o estudo das experiências de formação de enfermeiros, em França. França, onde em plena Terceira República, destaca-se, quer a presença das irmãs da caridade, quer a das enfermeiras laicas, estas sobretudo nas grandes cidades. A discussão sobre a vantagem da presença de umas e de outras, desloca-se do campo estrito ideológico para o da eficiência científica, terá ainda reflexos na enfermagem portuguesa por esses tempos, perdurando aos dias de hoje na interpretação que se faz dessa problemática.

Seja como for, em França, o nascimento da profissão de enfermeira esteve ligado à laicização dos cuidados de saúde, que por sua vez implicou a criação de escolas de enfermagem. Fundadas em 1878 pelo médico republicano Bourneville, as escolas municipais de Paris destinavam-se à preparação de enfermeiras competentes, capazes de secundar os médicos no novo contexto científico<sup>(12:19)</sup>.

É esta experiência francesa, que inspira os inovadores da formação de enfermeiros em Portugal, nos finais do século XIX, e com prolongamento para início do século XX. É com o Dr. Désiré Bourneville e no âmbito da *Assistance Publique* de Paris, que Costa Simões procura inspiração. Copia o modelo formativo francês, com expressão na estrutura curricular, adaptando às circunstâncias dos HUC<sup>(13)</sup>. Sobre este assunto, afirma Costa Simões:

É sabido que as escolas de enfermeiros, e principalmente de enfermeiras, que estão funcionando em Paris desde 1877 ou 1878, foram ali criadas para habilitar um pessoal estranho às ordens religiosas, que substituí-se vantajosamente as irmãs da caridade nos serviços hospitalares. O mesmo processo, e com os mesmos intuitos, vai tomando vulto, e cada vez maior, noutros países estrangeiros, [...] Para a mesma substituição das irmãs da caridade não teria razão de ser uma escola de enfermeiros em Coimbra, onde nunca funcionou aquela instituição. A minha iniciativa na criação desta escola, nos hospitais da universidade, teve por fim dar melhor instrução aos enfermeiros e enfermeiras, e habilitar as criadas do estabelecimento a poderem concorrer às vagas, que se estavam dando, no quadro das enfermeiras, à falta de pessoal habilitado na localidade com as simples noções de instrução primária. Foi esta a primeira escola de enfermeiros em Portugal. A sua instalação teve lugar em outubro de 1881; e o que posteriormente se viu seguir-se, neste sentido, em Lisboa e no Porto, só teve lugar no ano letivo de 1886 a 1887. As proporções daquela instalação em Coimbra foram limitadíssimas: uma só cadeira de serviços de enfermagem, e três cadeiras preparatórias – de instrução primária, de português, e de tradução da língua francesa[...]<sup>(14:333)</sup>.

Florence Nightingale fundou, em 1860, em Londres a *Nightingale Training School*. Já anteriormente, congregações religiosas femininas introduziram métodos sistemáticos de ensino de enfermagem dos quais se destaca, em 1848, em Londres, a *St. John's House Training Institution for Nurse*, “vacionada para serviços domiciliários de enfermagem, mas também encarada como via para a reforma de enfermagem hospitalar”<sup>(12:16)</sup>. No entanto, em Portugal, em Coimbra de 1881 é o modelo francês que inspira Costa Simões. Em bom rigor, não há referências a Nightingale, nem nesta época se encontram as características que habitualmente se atribuem às escolas nightingaleanas. A haver influência, ela será muito mais tardia, pelos anos 40 já no século XX, com expressão por exemplo na criação dos lares, internatos femininos, nas escolas de enfermagem em Portugal.

Quando Costa Simões sai de Coimbra para o Porto, para reformular o Hospital de Santo António, deixa a escola de Enfermeiros entregue ao seu companheiro, médico e professor na escola, Inácio Rodrigues da Costa Duarte. Este vem a falecer em 1886, após período de doença que quase o inutilizou<sup>(12:65)</sup>. A formação formal, em escola, terá desaparecido, mas o ensino em contexto prático, entre pares do mesmo ofício e com a direção de médicos persistiu até à segunda década do século vinte, quando ressurge formalmente a Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC).

Sendo esta a primeira escola de Coimbra, teve uma vida curta, deixou, no entanto, marcas patentes na influência no movimento de criação de outras escolas e cursos por todo o país, como damos nota no Quadro 1, e constitui o movimento fundador do ensino de enfermeiros em Portugal, e das sucessivas escolas existentes em Coimbra.

#### Quadro 1 – Cronológica das primeiras escolas de enfermeiros e enfermagem em Portugal

- 1881 - Escola de Enfermeiros dos Hospitais da Universidade de Coimbra (Coimbra)
- 1887 - Escola Profissional de Enfermeiros do Hospital Real de S. José (Lisboa)
- 1888 – Curso de enfermeiros do Hospital da Marinha (Lisboa)
- 1897 - Escola de Enfermeiros do Hospital Geral de Santo António, da Santa Casa da Misericórdia do Porto (Porto)
- 1909 - Escola de Enfermeiros do Hospital Militar do Porto (Porto)
- 1912 - Escola de Enfermeiros do hospital de S. Marcos, da Santa Casa da Misericórdia de Braga (Braga)

Fonte: Adaptado pelo autor<sup>(12)</sup>.

Será nos Hospitais da Universidade de Coimbra que em 1919 (Figura 1), no âmbito da reorganização dos serviços, que vemos surgir, – agora efetivamente oficializada pelo Decreto nº 5.736, de 10 de maio da Direção Geral da Assistência - Ministério do Trabalho –, a Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra. O seu primeiro regulamento vem a ser publicado por meio do Decreto nº 6.943, de 16 de setembro de 1920. No mesmo, fica estabelecido, o Curso Geral de Enfermagem e o Curso Complementar. O Curso Geral abriu no ano letivo 1919–20, contando com um total de 79 alunos (38 “varões” e 41 “fêmeas”), vindo a concluir o curso 71 alunos. O Curso Complementar abriu em 1923–24, sendo o primeiro diplomado em 1927. Na década de 1920, entre os anos letivos 1919–20 e 1929–30, a escola teve 336 alunos (216 masculinos e 120 femininos) e destes só 87 “varões”, e 56 “fêmeas”, totalizando apenas 143 alunos a acabaram os cursos<sup>(15)</sup>.

**HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**  
**Escola de enfermagem**  
**Movimento**

Anos lectivos	Matriculados			Concluíram o curso		
	Varões	Fêmeas	Total	Varões	Fêmeas	Total
1919–1920 . . . . .	38	41	79	36	35	71
1920–1921 . . . . .	4	1	5	1	—	1
1921–1922 . . . . .	12	9	21	α) e β)	—	—
1922–1923 . . . . .	9	7	16	1	4	5
1923–1924 . . . . .	10	2	12	7	4	11
1924–1925 . . . . .	14	3	17	9	2	11
1925–1926 . . . . .	22	4	26	3	—	3
1926–1927 . . . . .	28	13	41	6	—	6
1927–1928 . . . . .	35	17	52	7	2	9
1928–1929 . . . . .	24	10	34	9	4	13
1929–1930 . . . . .	20	13	33	8	5	13
	216	120	336	87	56	143

α) 5 perderam o ano por faltas, nos termos da alínea α) do artigo 25 do Decreto n.º 6943.  
β) 9 repetiram o 2.º ano em virtude da resolução do Conselho Escolar de 3 de Julho de 1922.

**Figura 1 – Estatística do movimento de estudantes da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra, entre 1919 e 1930**

Fonte: Reprodução<sup>(15)</sup>.

Os docentes da escola eram nomeados, pelo diretor dos HUC, de entre os médicos da instituição e podiam contar com o apoio dos enfermeiros chefes para o ensino prático.

O estudo dos Anuários da Universidade de Coimbra, informa acerca dos professores da Escola de Enfermagem para a sequência de anos 1919–20 a 1921–22 e, de 1924–25 a 1926–27. Aí encontramos referência aos Dr. Adelino Vieira Campos de Carvalho, Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa, Dr. Egídio Aires de Azevedo<sup>(16)</sup>.

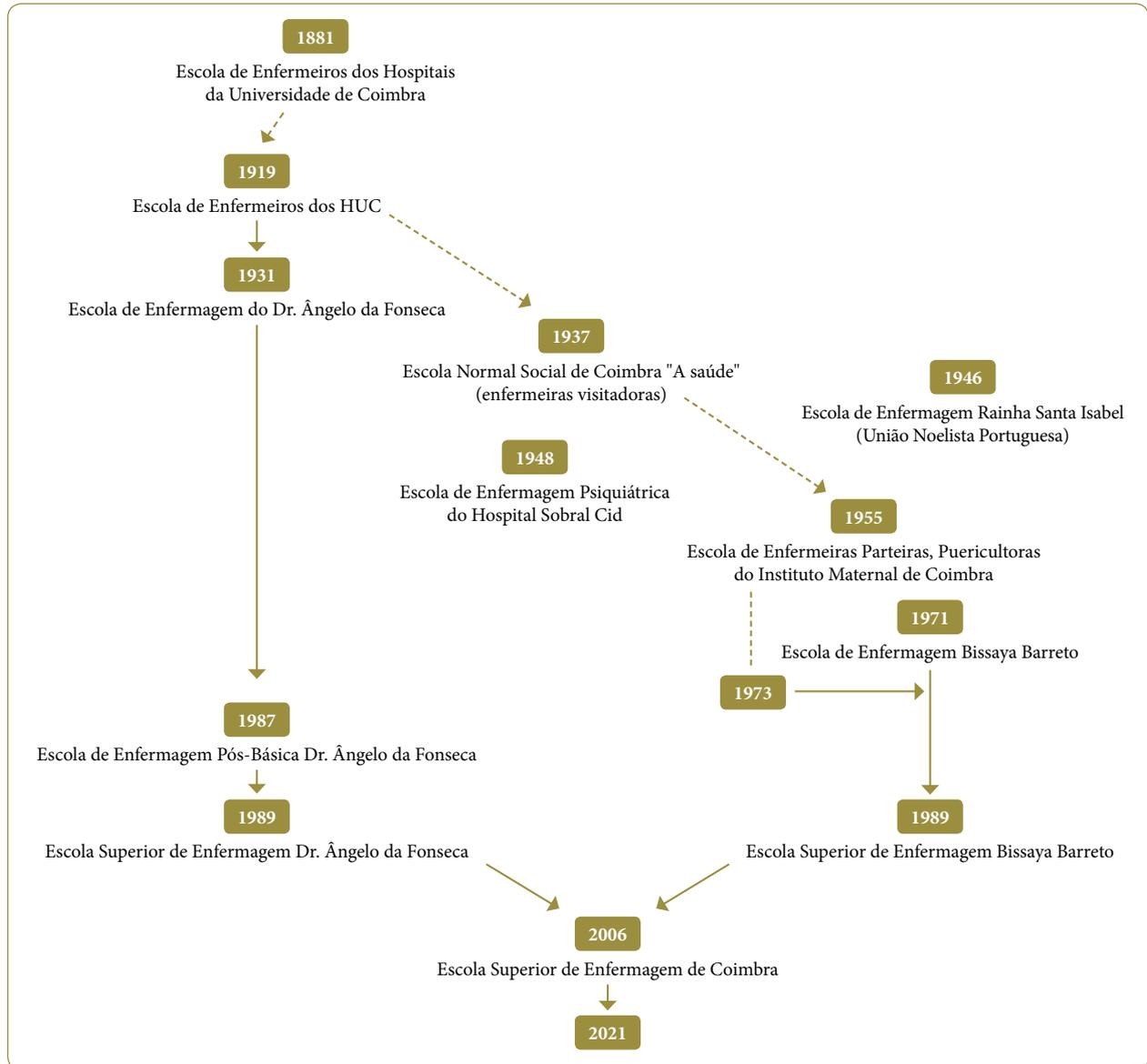
Deste segundo marco de desenvolvimento das escolas de enfermeiros e de enfermagem em Coimbra, importa realçar: i) a efetiva oficialização com publicação no “Diário do Governo”; ii) a denominação não como escola de enfermeiros (como a anterior) mas sim de enfermagem, revelando um passo importante no movimento de profissionalização; iii) a existência de alunos de ambos os sexos, contrariamente ao expectável, com predominância masculina (216 masculinos a comparar com 120 femininos, para os alunos, e para os que concluíram, 87 a comparar com 56); iv) a existência de um curso geral e de um curso complementar; v) a formação dos enfermeiros entregue a médicos, um dos quais encontraremos de forma marcada e sucessiva na criação de escolas na cidade de Coimbra.

O friso cronológico das escolas de enfermeiros e de enfermagem e suas designações é apresentado no Quadro 2, e a linha evolutiva sequencial é ilustrada no Quadro 3.

**Quadro 2 – Friso cronológico das escolas e suas designações**

- 1881 - Escola de Enfermeiros dos Hospitais da Universidade de Coimbra
- 1919 - Escola de Enfermagem dos HUC
- 1931 - Escola de Enfermagem do Dr. Ângelo da Fonseca
- 1937 - Escola Normal Social de Coimbra "A saúde"
- 1946 - Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel
- 1948 - Escola de Enfermagem Psiquiátrica do Hospital Sobral Cid
- 1955 - Escola de Enfermeiras Parteiras, Puericultoras do Instituto Maternal de Coimbra
- 1971 - Escola de Enfermagem Bissaya Barreto
- 1987 - Escola de Enfermagem Pós-Básica Dr. Ângelo da Fonseca
- 1989 - Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca
- 1989 - Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto
- 2006 - Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

**Quadro 3 – Linhas evolutivas das escolas de enfermeiros e de enfermagem em Coimbra**



A Portaria nº 7.001 de 14 de janeiro, refere: “Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério do Interior, que a Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra passe a denominar-se Escola de Enfermagem do Dr Ângelo da Fonseca, como homenagem merecida àquele professor”<sup>(17)</sup>. Alterado o nome, é só em 1932, que o Professor Dr. Ângelo da Fonseca passa a ser o diretor da escola. Ângelo da Fonseca é figura significativa na cidade de Coimbra, foi governador civil, figura de relevo na Faculdade de Medicina e na administração dos HUC. A proposta para mudança de nome da escola terá partido de uma exposição dos enfermeiros dos HUC nesse sentido, num movimento que importa conhecer e estudar futuramente em pormenor. “Porém, a razão principal da homenagem que o governo prestou ao médico não terá sido o seu eventual contributo para a história da escola (alguns autores sugerem a sua intervenção na oficialização da instituição, em 1919), mas sim os serviços por ele prestados aos Hospitais”<sup>(18,383)</sup>.

Por esta altura e nesta escola é importante referir a presença do “primeiro enfermeiro”, oficialmente, com funções docentes, José Pinto Teles, designado em 1933, pelo conselho técnico dos HUC, para lecionar a técnica de enfermagem<sup>(12)</sup>.

A Escola de Enfermagem do Dr. Ângelo da Fonseca, permanece ininterruptamente em funcionamento, só voltando a mudar de nome em 1987, com a introdução em Coimbra dos Cursos de Formação Pós-Básicos em Enfermagem. A instituição passa a denominar-se após a publicação do Decreto-Lei nº 28/87, de 31 de julho, Escola de Enfermagem Pós-Básica Dr. Ângelo da Fonseca<sup>(19)</sup>. Esta designação manteve-se até 1989, ocasião em que a escola, pela Portaria nº 821, de 15 de setembro, assume a designação de Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca<sup>(20)</sup>.

Na mesma dinâmica e pela mesma Portaria, outra Escola da Cidade, a Escola de Enfermagem Bissaya Barreto, fundada em 1971, passa a designar-se similarmente de Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto. Esta conversão da designação das duas escolas, em escolas superiores, resulta de um processo de progressiva integração das escolas de enfermagem no Sistema Educativo Nacional, com início em 1988.

Um marco significativo e que conduziu até aos dias de hoje, resulta da fusão das duas Escolas Superiores de Enfermagem, Bissaya Barreto e Ângelo da Fonseca, existentes em Coimbra, que ocorre em 2006, dando origem à atual Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Para a sua criação, contou, com a entrada plena do ensino de enfermagem em Portugal, para o Ensino Superior. Este movimento acontece com as escolas das três grandes cidades Lisboa, Porto e Coimbra, fruto da necessidade de ganharem escala, rentabilizado esforços e sinergias. Expectando-se como resultado do movimento de fusão das escolas, a criação de instituições robustas, na dimensão de ensino e de investigação, de perfil universitário, com a lógica consequência da sua integração pela em Universidades. Isto aconteceria ao fim de um período de transição, em que as escolas destas três cidades funcionavam como instituições autónomas. Todavia este processo, não estando concluído, por diversas dinâmicas sociais mais externas às escolas que internas, é urgente que se conclua.

Entre 1931 e 1989, o progressivo movimento de ensino de enfermagem teve marcas, que embora de forma sintética importa realçar. Outras escolas abriram e permaneceram em Coimbra, interagiram umas com as outras, todas com o mesmo objetivo, formar enfermeiros.

Numa linha vertical de evolução, da qual demos visibilidade no quadro 3, temos desde a primeira escola em 1881 até 2021, um percurso de 140 anos a formar enfermeiros na cidade de Coimbra. Nessa primeira linha vertical, entre 1931 (Escola de Enfermagem do Dr. Ângelo da Fonseca) e 1989 (Escola de Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca) importa assinalar alguns marcos.

No ano de 1942 as escolas de enfermagem públicas passam a ter autonomia técnica e administrativa, ficando sob a orientação e fiscalização da Inspeção de Assistência Social ou das Direções Gerais de Saúde. Os planos de estudo são uniformizados em todo o país. É neste mesmo ano que é introduzido o internato para as alunas de enfermagem, o que veio dar por decreto-lei de 1947 à criação dos lares e, especificamente, em 1949 à criação do Lar das Alunas de Enfermagem de Coimbra (LAEC). Também por estes anos (1942) é fortemente condicionado o exercício profissional dos homens enfermeiros, ficando residual a sua admissão nas escolas, e é proibido o exercício de enfermagem às enfermeiras casadas, só se admitindo solteiras ou viúvas sem filhos.

Em 1952, verifica-se uma nova reorganização do ensino de enfermagem, com a criação de um novo Curso de Enfermagem Complementar. O Decreto-lei nº 38.885 de 28 de agosto desse ano, aprova um

novo regulamento das escolas de enfermagem estando na origem em 1953, de um novo regulamento da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra<sup>(21)</sup>. Em 1965 exige-se, o segundo ciclo dos Liceus, para ingresso nas Escolas de Enfermagem.

A década de 1970 assume uma importância fundamental. Pela Portaria nº 34/70, de 14 janeiro desse ano as escolas ganham maior autonomia, diminuindo a dependência financeira dos hospitais aos quais estiveram ligadas<sup>(22)</sup>.

É, no entanto, após a revolução de 25 de abril de 1974, que se assiste a uma profunda reformulação dos programas dos cursos, da estrutura administrativa das escolas, da democratização da vida escolar. Pela Portaria nº 674, de 13 de novembro de 1976, as Escolas públicas, passam a reger-se pelo Regulamento dos Órgãos de Gestão das Escolas de Enfermagem, movimento profundamente participativo e democrático que viria a ser alterado posteriormente<sup>(23)</sup>.

Mas, durante este intervalo temporal que referimos, verificamos a existência de uma outra linha evolutiva em torno da Escola de Enfermagem Bissaya Barreto. Escola pública, criada em 1971, e que teve como comissão instaladora, o Professor Doutor Bissaya Barreto (que já aparecia como professor na Escola de Enfermagem dos HUC de 1919), o Dr. Viriato Namora, o Enfermeiro José Pinto Teles (enfermeiro que leciona a técnica de enfermagem, em 1933, na Escola de Enfermagem do Dr. Ângelo da Fonseca), e da Enfermeira Delmina dos Anjos Moreira, que vem a ser a futura diretora da escola, funções que manteve até se ter aposentado um ou dois anos antes da fusão das escolas em 2006.

Nesta linha evolutiva, expressa no nosso quadro 3, vai surgir a agregação em 1973, da Escola de Enfermeiras Parteiros, Puericultoras do Instituto Maternal de Coimbra. Esta Escola foi fundada em 1955, ligada ao Instituto Maternal de Coimbra, formava precisamente especialistas para trabalhar nas diversas delegações do Instituto Maternal de Coimbra. Refira-se, e sobretudo porque neste artigo estamos a reconstruir linhas evolutivas, que o Instituto Maternal de Coimbra, teve forte influência e fator dinamizador precisamente no Professor Bissaya Barreto.

Importa ainda referir que nestes anos de desenvolvimento do ensino de enfermagem na cidade de Coimbra, duas outras instituições, uma na órbita da esfera pública, outra no âmbito da iniciativa privada, e onde se descortina a ação do professor Bissaya Barreto, marcam presença significativa, são elas: a Escola de Enfermagem Psiquiátrica do Hospital Sobral Cid, ministrando o Curso Geral de Enfermagem Psiquiátrica, com início em 1948, e alguma ligação à Escola Ângelo da Fonseca, onde os estudantes faziam seus “exames de estado”; e a Escola Normal Social de Coimbra “A Saúde”, fundada em 1937, responsável pela formação de enfermeiras visitadoras.

Em 1931, o estado autorizava a Faculdade de Medicina de Lisboa, Porto e Coimbra, a criar os cursos de enfermeiras visitadoras de higiene (Decreto-Lei nº 19.460, de 13 de março de 1931)<sup>(24)</sup>. No decreto de autorização, faz-se alusão expressa a Florence Nightingale, nos seguintes termos: “já em meados do século passado, sob o impulso de Florence Nightingale, a habilitação profissional da enfermagem foi organizada e aperfeiçoada, e nasceu então uma nova profissão, a de enfermeira visitadora, destinada a cuidar dos doentes pobres no domicílio”<sup>(24:447)</sup>. Este Curso, tinha três disciplinas curriculares: Puericultura, Enfermagem; Higiene doméstica e profilaxia de doenças transmissíveis. Não teve grande desenvolvimento no âmbito da Universidade de Coimbra.

Bissaya Barreto, a convite de Oliveira Salazar, discursa em 1934, no I Congresso da União Nacional, defendendo a organização de serviços de medicina social. E, é como presidente da Junta da Beira Litoral, que em 1935, Bissaya Barreto, convida as Irmãs Franciscanas de Maria para assumirem a direção da Obra de Proteção à Grávida e à Criança. Em 1936, Constance Davon, chega a Coimbra, acompanhada com um grupo de Irmãs Franciscanas, dirige a Obra de Proteção, mas a falta de condições levam-na a propor a criação de uma escola. A Escola Normal Social “A saúde”, é criada em janeiro de 1937, e posteriormente evoluiu para Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra, será dirigido até 1974, unicamente por mulheres, todas pertencentes à congregação das Franciscanas Missionárias de Maria<sup>(25)</sup>. Escola, pela mão de Bissaya Barreto, de marca francesa, não estranho ao designado “socialismo municipalista”, que deu origem às enfermeiras visitadoras e ao serviço social, em França. Esta escola, confere formação polivalente de enfermeiras puericultoras, educadoras, monitoras e assistentes familiares. Realizou os primeiros exames em 1938, e formou cerca de 211 alunas. Alcina Martins refere sobre a escola e as suas fundadoras:

As duas primeiras diretoras são francesas Constance Davon e Raymonde Trouvay, a terceira diretora será portuguesa, a Assistente Social Teresa Margarida Granado. O presidente da Escola é o Professor Bissaya Barreto na qualidade de presidente da Junta da Província da Beira Litoral. A Escola Normal Social em Coimbra forma Assistentes Sociais e desenvolve a formação para Enfermeira Puericultora Visitadora de Infância (EPVI) [...] <sup>(25-9)</sup>.

E ainda ...

Marie Constance Davon dirige a Escola Normal Social de 1937 a 1958. Raymond Trouvay (Madre Marie de Notre-Dame de Fontenelle - nome religioso) será directora da ENS de 1958 a 1962. É enfermeira visitadora formada pela Escola do Comité Nacional de Luta contra a Tuberculose de Paris, é Assistente Social, possuindo o diploma de Estado de Assistente Social de 1932. Forma-se em 1938 como Enfermeira Puericultora Visitadora de Infância pela Escola Normal Social de Coimbra. No Brasil forma-se em Enfermeira Obstétrica na Escola Paulista de Medicina da Universidade de São Paulo (1948) e na Faculdade de Higiene dessa mesma universidade faz o Curso de Administração Hospitalar (1955). Em França exerceu funções de Assistente Médico-Social no Dispensário Brouardel, Le Havre (1933), no Brasil: foi Monitora da Escola de Enfermeiras do Hospital de São Paulo entre 1939 e 1951; Monitora de Clínica Médica e Secretária da Escola de Auxiliares de Enfermagem da Santa Casa de Porto Alegre, entre 1951 e 1954 e Professora da disciplina de “Socorros de Urgência” da Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 1952. Entre 1954 e 1958 foi ainda Assistente Chefe do Serviço Médico-Social, Monitora de Serviço Social e de Saúde Pública e Secretária da Escola de Enfermeiras do Hospital de São Paulo. Cf. Arquivos do Instituto Superior Miguel Torga. Assistente Social formada pela ENS em 1962, Teresa Margarida Granado é Diretora da ENS/ ISSSC de 1962 a 1974 <sup>(25-9)</sup>.

Por último, neste evoluir das escolas de formação de enfermeiros e de enfermagem ao longo de 140 anos, na cidade de Coimbra, importa fazer referência à única escola genuinamente privada, de orientação católica, mas não de uma ordem religiosa. Surge em 1946, por iniciativa da União Noelista Portuguesa, a Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel. A União Noelista, nasceu em França, em 1896, por inspiração do Padre Claude Allez. O Movimento dedica-se particularmente ao apoio, às vocações e seminários, paramentaria, restauro, obras sociais, especialmente em favor e defesa da vida, serviços voluntários nos hospitais, e apoio à terceira idade. O primeiro grupo Noelista é fundado em Portugal, data de 1913, mas a sua instalação definitiva é de 1925 <sup>(26)</sup>.

Esta escola formou enfermeiras até 1973. No seu programa ideológico orientador, para além da orientação católica expressa e assumida na formação de enfermeiras, sexo feminino com a vocação clara, à partida, de se assumirem como enfermeiras de formação diferenciada, que pelo rigor ético fizessem a diferença nos contextos onde atuariam. O folheto de divulgação da escola, existente no Arquivo Histórico da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, com a designação “Um Curso para Ti, Rapariga”, diz textualmente:

A Escola Rainha Santa Isabel pretende formar *A Enfermeira*: alguém que, sendo tecnicamente competente, saiba dar aos problemas que se lhe deparam a solução cristã, e seja capaz de manter, junto dos doentes que lhe foram confiados, a sensibilidade perante o sofrimento – aquela caridade e compaixão do Bom Samaritano de que fala o Evangelho <sup>(27-2)</sup>.

No mesmo folheto, podemos ler o “Compromisso de honra das alunas no final do curso”, de uma forma bem enquadrada no tempo e no propósito vivencial da instituição, refere:

Na presença de Deus, da Direção desta Escola e de todos os presentes, prometo solenemente exercer com caridade, amor e abnegação a nobre missão para a qual esta Escola me formou. Serei leal para com o médico no exercício do seu ministério, solidária e dedicada para com as minhas colegas na dignificação da sua função; prometo manter sempre vivo o desejo de me aperfeiçoar na técnica de enfermagem, e cumprir esse desejo para que generosamente, com a alma e o saber, não pôr limites à dedicação para com aqueles doentes a quem vou servir e cuidar, aliviando no possível os seus sofrimentos, e ajudando-os sempre a suportarem a sua cruz e a elevarem as suas almas para Deus <sup>(27-3)</sup>.

## CONCLUSÕES

No espaço geográfico da cidade de Coimbra, nasce dentro dos Hospitais da Universidade de Coimbra, em 1881, a primeira escola de enfermeiros em Portugal. Movimento perfeitamente enquadrado no higienismo, na afirmação do positivismo e do racionalismo nas ciências médicas e nas perspetivas de saúde e assistência. Momento precursor, do qual se seguiu no contexto nacional, o surgir de outras escolas no Porto, em Lisboa, e em Braga. Primeiro, escolas de enfermeiros, depois acompanhado o acentuar do desenvolvimento da profissionalização, designando-se escolas de enfermagem.

Movimento de 140 anos, onde se sente a força de duas escolas públicas, que dão suporte ao percurso, como polos aglutinadores de outras, algumas especializadas, em puericultura, saúde materna, enfermagem psiquiátrica. Percursos de escolas públicas, onde se registam duas escolas privadas com as suas particularidades: a Escola Normal Social de Coimbra “A saúde”, e a Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel.

Na inspiração das Escolas iniciais, a influência vem das experiências francesas, das escolas laicas parisienses, e da formação também francesa das enfermeiras visitantes. A influência de Nightingale é tardia, só começa a sentir-se pelos anos trinta e quarenta do século XX. As escolas interagem, quer pela partilha de professores, quer na imposição legal de efetuar exames de estado, na escola desde sempre ligada aos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Presença indiscutível do Professor Bissaya Barreto, num percurso temporal longo, com ligação e presença marcante, fundacional em escolas públicas e privadas. Mas onde se sente a necessidade de existência de outros espaços, externos à Universidade de Coimbra e aos seus Hospitais, mesmo para professores universitários, como sejam Bissaya Barreto se afirmarem, e afirmarem a sua ação.

Evolução das escolas que resultam num processo de concentração, após 2006, na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, com expressão internacional e forte polo agregador de jovens provenientes de todo o país e internacionais. Um coletivo agregador e agregado de escolas, inserido no movimento de profissionalização que acompanhou o desenvolvimento disciplinar durante todo o século XX, português, e que, em 2006, com a final concentração numa única instituição, ganhando escala e robustez, se preparou para a consolidação do movimento de afirmação da enfermagem como ciência.

Este estudo permitiu compreender localmente a evolução das instituições, as suas dinâmicas, ajudando a perceber as dinâmicas mais globais, em outros espaços, em outras cronologias. Importa continuar a investigar as escolas de enfermeiros e de enfermagem, os seus matizes ideológicos, as suas influências e o seu papel na formação. O percurso dos seus fundadores e os programas formativos. Haja tempo, engenho e arte para a sua concretização.

## REFERÊNCIAS

1. Carvalho ACC. O infirmarius, precursor medieval do enfermeiro. *Pensar Enferm* [Internet]. 2016[cited 2022 Apr 27];20(1):63-78. Available from: <http://hdl.handle.net/10400.26/23748>
2. Santos DA. Aproximações à medicina monástica em Portugal na Idade Média. *História* (Sao Paulo). 2012;31(1):47-64. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742012000100005>
3. Santos DA. A domus infirmorum do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e o acolhimento no hospital São Nicolau (Portugal, séculos XII-XIII). *História* (Sao Paulo). 2015;34(1):75-91. <https://doi.org/10.1590/1980-436920150001000033>
4. Queirós PJP. Ciência de enfermagem: contributos para a discussão disciplinar lição de sapiência. Aula inaugural apresentada a Conferência Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. 13 out. 2020. Coimbra, Portugal.
5. Mattoso J. A escrita da história. Lisboa: Editorial Estampa; 1997.
6. Mattoso J. A história contemplativa. Lisboa: Temas e Debates; 2020.
7. Coelho AB. História e oficiais da história. Alfragide: Editorial Caminho; 2021.
8. Pereira AL, Pita JR. Liturgia higienista no século XIX: pistas para um estudo. *Rev Hist Ideias*. 1993;15:437-559.

9. Lopes MA. Enfermeiros e enfermeiras nos hospitais portugueses dos séculos XVIII e XIX: continuidades e ruturas. In: Esteves A, organizador. *Homens, instituições e políticas: séculos XVI-XX*. Braga: Lab2PT; 2019. p. 154-173.
10. Silva H. Influências estrangeiras nos hospitais portugueses: o caso da enfermagem religiosa: finais do século XIX. *CEM Cult Espaço Memórias*. 2014;(5):63-76.
11. Lopes LMM, Rodrigues MA. Apontamentos sobre a obra e o homem que fundou a primeira escola de enfermagem de Portugal: António Augusto da Costa Simões. *Rev Enferm Referencia*. 2009;2(10):97-106.
12. Silva AI. *A arte de enfermeiro: escola de enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; 2008.
13. Silva H. Seleção e discriminação dos profissionais de enfermagem durante o estado novo: 1938-1963. *Ler Hist*. 2011;(6):151-66. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1533>
14. Simões AC. *A minha administração dos hospitaes da universidade: uma gerência de 15 annos, sob a reforma de 1870*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; 1888.
15. *Boletim dos Hospitais da Universidade de Coimbra*. 1931;2:1-10.
16. Queirós PJP, Almeida Filho AJ, Gómez-Cantarino S, Santos TCF, Peres MAA, Chaves MCRF, et al. Enfermeiros e escolas de enfermagem nos anuários da Universidade de Coimbra, de 1866 a 1956. *Rev Enferm Referencia*. 2020;5(4):37-43. <https://doi.org/10.12707/RV20061>
17. Ministério do Interior (PT). Portaria nº 7.001, de 14 de janeiro de 1931. *D Gov [Port]*. 1931;(11).
18. Silva AICP. Apontamentos para a história da escola de enfermagem Ângelo da Fonseca:1881-2004. *Rev Portuguesa Hist*. 2006;38:377-98.
19. Ministério da Saúde (PT). Decreto nº 28/87, de 31 de julho [de 1987] [Internet]. *D Rep [Port]*. 1987 Jul 31[cited 2022 Apr 29];(174):3009-10. Available from: <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-governo/28-1987-417218>
20. Ministério da Educação e da Saúde (PT). Portaria nº 821/89, de 15 de setembro [de 1989] [Internet]. *D Rep [Port]*. 1989 Sept 15[cited 2022 Apr 29];(213):4125:6. Available from: <https://files.dre.pt/1s/1989/09/21300/41254126.pdf>
21. Portugal. Decreto-Lei nº 38.885, de 28 de agosto de 1952. *D Gov [Port]*. 1952[cited 2022 Apr 29];(190):878:80. Available from: <https://files.dre.pt/1s/1952/08/19000/08780880.pdf>
22. Ministério da Saúde e Assistência (PT). Portaria nº 34/70, de 12 de janeiro de 1970. *D Rep [Port]*. 1970 Jan 14[cited 2022 Apr 29];(11):58-64. Available from: <https://files.dre.pt/1s/1970/01/01101/00580064.pdf>
23. Ministério dos Assuntos Sociais (PT). Portaria nº 674/76, de 13 de novembro de 1976. *D Rep [Port]*. 1976[cited 2022 Apr 29];(266):2586-8. Available from: <https://files.dre.pt/1s/1976/11/26600/25862588.pdf>
24. Portugal. Lei nº 19.460, de 13 de março de 1931. *D Gov [Port]*. 1931:447.
25. Martins A. 70 anos de formação em serviço social em tempos de ditadura e de democracia: da escola normal social ao instituto superior Miguel Torga. *Interaccoes Soc Novas Modernidades*. 2012;(17).
26. *Anuário Católico Português* [Website]. 2021[citado 24 Oct 2021]. Available from: [http://www.anuariocatolicoportugal.net/ficha\\_instituicao.asp?instituicaoid=27](http://www.anuariocatolicoportugal.net/ficha_instituicao.asp?instituicaoid=27)
27. *Escola de Enfermagem Santa Isabel. Um curso para ti, rapariga [folheto de divulgação]*. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; Arquivo Histórico.